



# ESTRATÉGIA, GEOGRAFIA E HISTÓRIA

Luiz Paulo Macedo Carvalho

**M**al-aventurados os que não cultuam suas origens, antepassados, costumes e tradições, porque sucumbem à minguada de fontes de energia para formação e preservação da nacionalidade, além de não compreender os anseios e tendências dela.

Mal-aventurados os que carecem dos ensinamentos ofertados pelo tempo, no ambiente dominado pelo homem, porque não têm como entender o relacionamento entre os povos.

Mal-aventurados os que se recusam a ouvir a história da terra e dos homens, porque estão condenados a sofrê-la como destino.

Tais mal-aventurados — ontem, hoje e amanhã — proclamam e consagram a importância da Geografia e da História, bem como o relacionamento destas ciências

com a Estratégia, infelizmente nem sempre reconhecidos, até mesmo em nossos estabelecimentos de ensino militar, embora lhes caiba o impostergável dever de transmitir às gerações, que por eles passam sucessivamente, estes indispensáveis conhecimentos. Contradição desconcertante, pois enquanto o Exército vem demonstrando bem menos interesse em ministrar esses assuntos aos seus quadros, do que fazia antes da II Guerra Mundial, cresce a atração dos civis nesse campo, particularmente pela história militar.

Ao curso dos últimos anos, afora quaisquer brilhantes exceções, a Geografia e a História representam disciplinas moribundas. A quase totalidade dos nossos programas escolares e dos manuais de



ensino revelam-se estranhamente discretos acerca destas matérias.

Ameaça-nos uma defasagem crucial entre a velocidade da desenfreada evolução tecnológica em processamento e a da que impele o domínio das ciências sociais. Se o papel impresso libertou o homem ocidental, como disse H. G. Wells, hoje, porém, o mau uso dos meios de comunicação de massa traz o risco de escravizá-lo. E pior do que isso, as conquistas das ciências ditas exatas não ofertaram melhor orientação para a política e a estratégia, nem soluções para resolver os desafios sociais que afligem a humanidade.

Os estudos de Geografia e História limitaram-se, por considerável tempo, a antipáticos e improdutivos exercícios de memorização de nomes e números, com estéreis narrativas de fatos ou acontecimentos julgados relevantes, enquanto aspectos geo-históricos, geo-econômicos, geo-estratégicos e geo-políticos eram prática e sistematicamente ignorados.

O determinismo geográfico, na explicação histórica, empregado pelos nazistas para justificar seu expansionismo materialista, muito contribuiu para que gerasse poderável confusão da geopolítica com a Geografia e a História e as levassem a serem esquecidas e negligenciadas.

Este não é o menor paradoxo de nossa era que, todavia, se caracteriza por surpreendente e simultânea ampliação dos conhecimentos do meio-ambiente geográfico e histórico, em corolário direto dos progressos científico-tecnoló-

gicos e devido à multiplicação dos generalizados conflitos localizados e limitados no planeta. Por outro lado, a situação estratégica mundial não pode ser analisada sem levar em consideração razoável número de dados geográficos e históricos.

Os fatores geográficos e históricos estão sempre presentes, com notórias influências, de maior ou menor grau, em todos os campos qualificados pela figura do gênero humano. Assim sendo, não há como desvincular a noção de poder nacional — expressão integrada dos meios de toda ordem de que dispõe efetivamente uma nação — das coordenadas de espaço e tempo, isto é, da Geografia e da História.

Assim, é completamente ilusório pretender sondar o passado ou prospectar o futuro sem conhecimentos geográfico e histórico. É inegável, pois, que as grandes linhas da Geo-história e Geopolítica, procurando antever esquemas para o futuro, revistam-se de percepções agudas de grande validade.

Apesar da História não constituir em essência o estudo do manejo da violência em contínua escalada, convém salientar que teve origem na história militar, sua mais antiga forma.

Heródoto, cognominado por Cícero "O Pai da História", surgiu com a avaliação das guerras greco-persas. O iniciador da história pragmática, Tucídides, considerado o primeiro historiador militar por ter escrito a notável "História da Guerra do Peloponeso", afir-



mou a reversibilidade dos fatos históricos, valorizou os aspectos sociais e econômicos, bem como destacou ser a Estratégia um fenômeno da História. Graças ao Cristianismo, por intermédio de Santo Euzébio, Santo Agostinho e dos monges beneditinos, e aos cronistas, tais como Fernão Lopes e João de Barros, deu-se a universalização da história. Do pensamento de Voltaire veio a secularização da História. A História Científica surgiu na Alemanha, no século XIX. Augusto Conte introduziu a idéia de que a busca do fato era da responsabilidade do historiador e o trabalho científico determinante das causas daquele cabia ao sociólogo. A teoria filosófica do Materialismo Dialético vem se aplicar na do histórico do Marxismo, deformando o estudo das relações sociais dado o valor atribuído à *praxis*. Troeltsch ensinou que a causalidade histórica não admite hierarquia. Max Weber contribuiu com a teoria das múltiplas conexões causais e ressaltou a importância dos fatores ideais. Spengler, com seu determinismo cíclico das civilizações e sua morfologia cultural, foi o naturalizador da História. Em nossos dias, Toynbee deu fundo espiritualista e religioso à História.

A importância da História, difundida pelo aforismo de que é "a mestra da vida", tem sido reconhecida ao longo dos tempos por grandes vultos da humanidade. Políbio afirmava: "A História é a educação mais autêntica. . . para a ação política." Napoleão dizia: "Para seres um militar bem sucedi-

do, tens que conhecer a História." Frederico, o grande, declarava: "Estudos toda espécie de História. . . Desde César, nas Gálias, até Carlos XII, em Poltava." Moltke salientava: "As melhores lições para o futuro as teremos de nossa própria experiência, mas como esta não nos será concedida senão em forma muito limitada, é necessário utilizar, mediante o estudo da História da Guerra, a experiência dos demais." Foch complementava estes conceitos com as seguintes palavras: "A realidade do campo de batalha é que ali não se estuda; simplesmente se faz o que se pode, para aplicar o que se sabe. Logo, para poder um pouco, é necessário saber muito e bem.

Isto explica a inferioridade dos austríacos em 1866, a quem deveu ter instruído a Guerra de 1859 contra o prussianos, que não se haviam batido desde 1815. Os primeiros fizeram a guerra sem compreendê-la; como os franceses em 1870; os segundos a compreenderam sem fazê-la, porque a tinham estudado." Churchill, Charles de Gaulle e Patton possuíam imensos conhecimentos de História. Entretanto, dizem que Roosevelt e Eisenhower pouca coisa dela sabiam.

Embora a História propicie lições do passado para guiar ações no presente, com a mesma facilidade pode desorientar. Deve ser usada para desenvolver a imaginação e não como peças de um quebra-cabeça, para generalizações e se adotar soluções estereotipadas. Precisa-se atentar para que um livro, a despeito de ser muito bom,



é sempre um espelho e quando um ser irracional olha para ele, como já bem aduziu alguém, não será de historiador a imagem refletida.

"Vale uma nação pela consciência que tem do seu passado, de sua missão histórica. . . É o que nos move a mais profundamente conhecer ao Brasil, para melhor o amar e servir" — Nos adverte Pandiá Calógeras.

A conduta da guerra sempre obrigou a se levar em conta as realidades históricas e geográficas dos teatros de operações.

De Alexandre a Giap, todos os grandes estrategistas formalizaram sua reflexão por meio de verdadeiras análises de geografia regional. Frederico, O Grande, Montesquieu ou Bismarck, partidários tenazes do determinismo físico, reforçam os exemplos precedentes. Entre os autores que, de perto ou de longe, têm sido levados a se interrogar sobre esse problema, na esfera de nosso conhecimento, Marx e de Gaulle desconhecaram a dimensão espacial do fenômeno.

Na época contemporânea, onde mais do que nunca, "a guerra é a continuação da política por outros meios", no dizer de Clausewitz, duas grandes tendências se apresentam: Admitir que a geografia faz a guerra, isto é, que os elementos geográficos devam ser considerados no campo da reflexão geo-estratégica; ou recusar, daqui por diante, qualquer influência a esses fatores, pelo argumento do fato atômico, equalizador de forças, reduzindo as distâncias, neutralizando os acidentes geográficos, ou suprimindo os conflitos naturais.

Entre os maiores geogestregistas da História, o Alemão Friedrich Ratzel, fundador da Geopolítica moderna, desenvolve em sua "Antropogeografia" o conceito de ecúmeno — "Espaço é poder". No plano geopolítico, os dois elementos básicos de sua doutrina são o *espaço*, fundamentalmente determinado pelos seus caracteres físicos, e a *posição*, que situa o "espaço sobre o planeta". Nesse contexto, o meio geográfico, no sentido preciso de meio natural influenciado pela ação do homem, é moldado por uma colonização "determinada pelo sentido de espaço". Ratzel escreveu particularmente: "o homem está condicionado por sua atitude inata de, como elemento de um povo, a se integrar no meio natural e a organizá-lo." Compreende-se, pois, facilmente, as tentativas de alguns de seus discípulos e a resultante dos grandes princípios ratzelianos, caricaturados tragicamente pelo general-geógrafo nazista Haushoffer e as teorias do espaço vital.

Vidal de La Blache, sobre esse tema, esforçou-se por jamais proceder a uma análise geográfica, em qualquer escala, sem evocar um conjunto de fatores, geralmente compostos, extraídos tanto dos dados físicos como dos domínios históricos, econômico ou social.

É sem dúvida o inglês Mckinder quem foi mais longe na análise geoestratégica. Para Mckinder, "a capacidade do poder é, de início, caracterizada pela capacidade de levar um conflito a termo." É primordialmente pela situação geográfica que se pode



resolver a maior parte das dificuldades encontradas na análise político-estratégica-militar. A Geografia é a componente principal da diplomacia. Por isso vale lembrar a célebre frase que atesta tal assertiva: "Pobre México, tão longe de Deus e tão próximo dos Estados Unidos da América do Norte."

No pensamento de Mackinder, a Geopolítica é sua irmã mais moça, a Geoestratégia, definem-se de pronto pela relação que se estabelece entre os fatores do poder, o relacionamento internacional e o meio geográfico. Seu "Leitmotiv", desde a década de vinte, diz respeito à luta potencial entre dois outros maiores — o terrestre e o marítimo.

Na escala do planeta, a Eurásia com a África é vista como a "Ilha do Mundo", situada no centro do globo. Seu coração — o "heartland" — corresponde à Rússia européia. (Quem dominar a Europa do leste está de posse do "coração do mundo"; quem dominar o "coração do mundo" comanda a "ilha do mundo"; quem dominar a "ilha do mundo" controlará o planeta, escreveu Mckinder, em 1919, na hora da assinatura do Tratado de Paz. Esta ilha mundial é cercada a distância apreciável, por uma franja de arquipélagos: o poder marítimo potencial das Américas e da Austrália. O espaço (levado em consideração ao tempo de Mackinder) que separa o "coração do mundo" dessa franja de arquipélagos é ocupado pelas zonas periféricas da Eurásia e da África e seus mares fronteiriços: península indo-chinesa e indiana, Afeganistão, Oriente

Médio e Próximo, bacias do Mediterrâneo e do Índico, além do nevrálgico Golfo Pérsico.

As relações Leste-Oeste se inscrevem, assim, na perspectiva de um conflito inevitável a longo prazo, entre a potência terrestre do "coração do mundo" — hoje a URSS, e a marítima da atualidade — os EUA. As duas potências enfrentar-se-ão "fisicamente" na periferia. O controle desta, (que compreende os mares ocupados e utilizados) pela potência marítima, não se traduzirá inevitavelmente pelo da "ilha do mundo", mas impedirá essa, em contrapartida, de assegurar sua hegemonia.

A doutrina Mckinder fez sucesso literalmente entre as duas guerras: Haushoffer, já citado, adaptou-a às ambições hitleristas, operando um deslocamento pouco sutil do "coração do mundo" para Oeste; o italiano Nardini, seguidor de Ciano, recuperou-a em suas grandes linhas, identificando o "coração do mundo" com o "mare nostrum".

O japonês Tokisha estabeleceu os princípios geoestratégicos da "esfera da prosperidade", considerando o arquipélago nipônico como a "ponta-de-lança" de uma periferia predestinada à supremacia mundial, devido à sua posição de charneira; os norte-americanos Spykman e Bowman fizeram o mesmo dos Estados Unidos da América, tendo o último deles acrescentado à análise estritamente geoestratégica considerações ideológicas bastante afirmadas: o poder marítimo será "a frente da civilização face ao barbarismo ou à



vida" — doutrina do almirante Alfredo Thayer Mahan.

Malgrado seus desesperados esforços, os esquemas tradicionais dessa escola alicerçam-se em dois grupos de fatores: os constantes ("fortes tendências" dos especialistas militares) e conjunturais. Entre esses últimos, difíceis de se levar em conta a longo prazo, o contexto demográfico (disparidades de densidades de ocupação, ritmos de crescimento, fluxos migratórios, dados qualitativos), o potencial energético, recursos, estruturas sociológicas, informações ideológicas e políticas nacionais e internacionais, têm exercido e exercem a curto e médio prazos capital função.

Em contraposição, as "fortes tendências" acalmam os geoestrategistas, quaisquer que sejam, em definitivo, as escalas de suas análises. Subsistem o espaço propriamente dito (estrutura física, configuração e organização dos territórios considerados) e a posição.

Esta última noção tem sustentado gerações de geopolíticos. Pelas distâncias, comanda o fator "comunicações" terrestres ou marítimas, em combinação com o fator espaço e seus condicionantes. Neste particular, até o início do século 20, o fator comunicações marítimas (daí a influência sobre todos os países marítimos ou aqueles que, como a Alemanha antes de 1914, desejavam a efetivação da doutrina Mahan acerca da "maestria do mar", expressa em 1980, em sua obra fundamental "da influência do poder marítimo

na História"), tem efetivamente constituído o acesso ao mar em elemento capital, levando-se em conta largamente a expansão das diferentes nações. Meditemos sobre o papel desempenhado pelo antigo Mediterrâneo, o casamento secular do oceano com o poderio britânico, a corrida ao mar de Pedro, o Grande, e de Guilherme II.

É neste contexto histórico que ganham significado histórico os istmos e estreitos. Os estreitos, pelo duplo interesse estratégico e econômico, pontos de escala e ancoradouros; os istmos muitas vezes revitalizados pela política de abertura dos grandes canais transoceânicos da segunda metade do último século.

Tais análises não perderam todo seu valor nos dias de hoje, particularmente na escala das realidades regionais. São bastantes válidas, ainda que tenham sofrido o impacto da aparição do maior acontecimento de nossa época — o advento da arma nuclear.

Sendo o terreno ditador no campo de batalha, a despeito de qualquer que seja o avanço da ciência e tecnologia, não pode o chefe militar ou o estudioso das ações estratégicas e táticas ignorar, pois, é importante e imprescindível colaboração que a geografia militar traz à arte da guerra.

Isto posto, fica evidente que a Geografia e a História desempenham valioso papel na conservação e fortalecimento do poder nacional, mormente na crise de uma época como a que vivemos, procurando determinar as causas dos conflitos que desafiam a humanidade.



**BIBLIOGRAFIA**

- CUNHA, Rui Vieira da — "A História, a Geografia e o Poder Nacional", A Defesa Nacional, Rio de Janeiro, RJ, nº 624-58-74.
- DIAZ, Alfredo Sebastian — "História e História Militar", ECEME, Rio de Janeiro, RJ.
- SOPPELSA, Jacques — "Géographie et Stratégie", Defense Nationale, Paris França, Jun 1980.
- WEIGLEY, Russel F. — "Novas Dimensões da História", Rio de Janeiro, RJ, Biblioteca do Exército, 1º Volume, 1981, 224 páginas.



*O Cel. QEMA Luiz Paulo Macedo Carvalho possui os cursos de Técnica de Ensino, de Motomecanização (EsMB), de Aperfeiçoamento (EsAO), de Comando e Estado-Maior (ECEME), de Estado-Maior do Exército Britânico (Staff College Camberley), do Centro do Real Corpo de Educação do Exército Britânico (Beaconsfield), de Extensão de Manutenção e Reparação Automóvel, do Exército dos EUA (Aberdeen Proving Ground), e Superior de Guerra (ESG), além de ser bacharel em Ciências Políticas e Econômicas. Integrou também o corpo permanente da Escola Superior de Guerra e o Conselho Editorial da Biblioteca do Exército. Comandante da EsIE (Escola de Instrução Especializada)*